

Moldar o corpo à autoestima e ao bem-estar

Numa conjuntura de progressos técnicos e de menos complicações pós-operatórias, a Cirurgia de Contorno Corporal tem vindo a assumir-se como uma opção cada vez mais procurada por pacientes de ambos os géneros.



Falar em João Bravo Ferreira é fazer alusão a um nome indissociável do universo da Cirurgia Plástica, Reconstructiva e Estética praticada em Portugal, aspeto que se evidencia pela vastidão de um currículo que inclui passagens não apenas por algumas das principais unidades hospitalares públicas, mas também a presença em prestigiadas clínicas privadas. Com uma experiência e know-how que se estendem por múltiplas décadas ao serviço de uma especialidade

que tem vindo a conhecer incontornáveis avanços técnicos, o nosso entrevistado sublinha, por outro lado, como a valorização social em torno da autoestima (função estética) tem vindo a crescer, muito embora existam também intervenções cirúrgicas de cariz funcional (realizadas com o intuito de reparar um dano ou prevenir riscos para o bem-estar do doente).

Nesse aspeto, e fazendo jus ao seu percurso enquanto especialista em Cirurgia Plástica, Reconstructiva e Estética, João Bravo Ferreira constata a existência de “um campo que tem sentido um crescimento explosivo ao longo dos últimos anos: os doentes provenientes das grandes perdas de peso e das cirurgias de obesidade”. Esta corresponde, mais concretamente, a uma tipologia de paciente que sofre, subitamente, de “um excesso brutal de pele” que não acompanhou o que terá sido, em muitos casos, uma rápida quebra de mais de cinquenta quilos. Cada vez mais frequente, esta corresponde a uma situação que, em consonância com o evidente obstáculo estético, poderá acarretar problemas funcionais, justificando uma intervenção que tenha, por base, a redução cutânea.



É neste contexto que o nosso interlocutor faz referência à Cirurgia de Contorno Corporal, um conjunto de procedimentos mediante o qual se pretende “que a figura do paciente fique melhor ajustada e equilibrada, de forma a não haver zonas demasiado salientes nem outras muito cavadas”, esclarece João Bravo Ferreira. O nosso interlocutor faz, posto isto, alusão ao “lower body lift”, uma intervenção efetuada na região da cintura (nos seus 360 graus) que se caracteriza por uma abdominoplastia (correção do excesso de pele a nível abdominal) e pelo levantamento da região glútea nas costas do doente. Já o “upper body lift” diz respeito à aplicação do mesmo processo à parte superior do abdómen, corrigindo-se excessos cutâneos nas costas, em sintonia com as intervenções que se afigurem necessárias na região mamária.

Contando com uma área de intervenção que incide principalmente na barriga, no peito e nas coxas (ainda que também o dorso e os braços tenham vindo a merecer uma renovada atenção dos pacientes), a Cirurgia de Contorno Corporal tem testemunhado um notável conjunto de evoluções técnicas, assegurando que o crescimento da sua popularidade caminha em percurso proporcionalmente inverso ao surgimento de complicações em regime pós-operatório. De facto, “hoje em dia são possíveis cirurgias muito mais pesadas do que no passado e isso só acontece porque conseguimos fazer com que a perda de sangue nessas intervenções seja um décimo do que era há dez ou

vinte anos”, esclarece o especialista, à medida que também os períodos de recuperação têm vindo a tornar-se progressivamente mais curtos.

Diálogo e expectativas

Sendo a estética uma área particularmente sensível para a manutenção de uma boa autoestima do paciente, importa que exista um diálogo transparente junto do especialista, ao abrigo do qual se possam moldar devidamente as expectativas relativamente ao resultado das intervenções cirúrgicas. “É muito raro o doente dizer que só quer fazer uma cirurgia, então a primeira coisa a fazer-se é planear o timing e as prioridades, ou seja, compreender quais os aspetos que se considera mais importante corrigir”, elucida João Bravo Ferreira. Mas igualmente importante antes de qualquer procedimento é “fazer o estudo do paciente” de modo a detetar a eventual presença de anemia ou défices vitamínicos que possam interferir na cicatrização do corpo.

“Às vezes poderá ser preciso fazer um compasso de espera para que a pessoa possa fazer a correção dos seus desequilíbrios metabólicos”, prossegue, antes de acrescentar que “quando a cirurgia é puramente estética os pratos da balança têm de ficar completamente desequilibrados: as vantagens têm de ser bem evidentes e as desvantagens praticamente zero”. Igualmente essencial é, de resto, o combate a mitos que ainda persistem, tais como a (falsa) possibilidade de a intervenção cirúrgica ser efetuada sem que daí resultem cicatrizes ou a ideia de que estas podem ser posteriormente removidas. “Um dos maiores problemas da especialidade consiste na existência de expectativas irrealizáveis”, alerta João Bravo Ferreira, lembrando que “a primeira função do cirurgião será sempre explicar ao paciente quais os resultados possíveis de atingir” numa área que é sensível como poucas.

